

## A PATA DO MACACO: UMA ANÁLISE

Fabiana Ferreira CORDEIRO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo é analisado o conto “A Pata do Macaco” escrito por William Wymark Jacobs em 1902. O conto é uma história fantástica que aborda primeiro o destino, mas que também toca em outros grandes temas da literatura, como o insólito, a morte e o luto, a regra de três, o mundo exterior e o jogo de xadrez. Para análise do texto foram utilizados teóricos como Todorov (2008), Campra (2016) e Ceserani (2004), entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fantástico; A Pata do Macaco; Jacobs.

### Introdução

O texto escolhido para análise neste trabalho é o conto "A Pata do Macaco" de William Wymark Jacobs, conhecido como W. W. Jacobs. Jacobs nasceu em 1863, em Londres, Inglaterra. Depois de receber seu diploma em Birkbeck College, teve suas histórias publicadas nas revistas satíricas *The Idler* e *Today*. A primeira coleção de conto de Jacobs, *Many Cargoes* (1896), se tornou muito popular, o que o levou a deixar o trabalho e começar a escrever em tempo integral. Jacobs se casou com Agnes Eleanor, uma sufragista proeminente, em 1900, e tiveram cinco filhos juntos.

Jacobs publicou treze coleções de contos, cinco romances e uma novela, vários dos quais venderam dezenas de milhares de cópias. Ele também escreveu peças de um ato. Sua segurança financeira foi ainda mais solidificada pela popular revista *The Strand Magazine*, que começou a publicar suas histórias em 1898 e continuou a fazê-lo durante a maior parte de sua vida. Jacobs morreu em 1943.

---

<sup>1</sup>Graduação em Letras na Escola De Filosofia, Letras E Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, na cidade de Guarulhos/SP.

## A PATA DO MACACO: UMA ANÁLISE

"A Pata do Macaco" foi publicado na coleção de contos *The Lady of the Barge* (1902), e a popularidade da história vem sendo extraordinariamente duradoura. Exemplo disso é que foi publicado em aproximadamente setenta coleções, que incluem de antologias góticas e de horror até a coleção de ficção clássica da *New York Review of Books*. O conto também foi transformado em peça, parodiado em *The Simpsons*, e transformado em oito diferentes filmes. Stephen King escreveu sobre "A Pata do Macaco" em *The Dead Zone* (1979) e *Apt Pupil* (1982), e embasou seu romance *Pet Sematary* (1983) sobre seus temas.

O tom estabelecido em "A Pata do Macaco" é típico do gênero terror: uma casa solitária em uma rua solitária onde não há muita civilização por perto. Se alguma coisa acontecesse, a família envolvida não teria para onde correr ou qualquer pessoa a quem pedir ajuda. Jacobs cria uma sensação de horror em "A Pata do Macaco" usando uma variedade de técnicas literárias. Neste trabalho vamos discutir sobre as ligações intertextuais do conto e sobre seus diversos temas. O conflito entre humanos e destino, por exemplo, é um grande tema da literatura. Controlamos nosso destino ou o destino nos controla? "A Pata do Macaco" é uma história que enfoca, primeiro, o destino, uma força ou poder que controla tudo o que acontece no universo. Porém, como veremos neste artigo, outros grandes temas da literatura podem ser vistos no conto.

### 1. Para iniciar a conversa

Muitos autores tentaram definir o que é o fantástico. Neste trabalho tomaremos como base alguns pontos do trabalho de Rosalba Campra (2016) e Tzvetan Todorov (apud CESERANI, 2004). Campra (2016), ao definir o fantástico, afirma que

o conceito de fantástico se define apenas por sua oposição: é aquilo que não é. O fantástico pressupõe, empiricamente, o conceito de realidade, que se dá como indiscutível, sem

## A PATA DO MACACO: UMA ANÁLISE

necessidade de demonstração: simplesmente é. Deve-se reconhecer, entretanto, que a relação entre os dois termos não implica a simetria existente entre eles (CAMPRA, 2016, p. 27).

No conto escolhido podemos ver essa oposição entre real e fantástico. Temos, por um lado, o real do cotidiano: uma família recebendo a visita de um amigo, e, por outro, o fantástico, representado pela possibilidade de se conseguir, por meio de magia, qualquer coisa que se deseje.

Ao falar sobre o fantástico, Remo Ceserani (2004) faz uma seleção de diversos autores que discutiram o tema. Entre essa seleção vamos ressaltar duas observações de dois autores. Solov'ev ressalta que “[d]entro do autenticamente fantástico resta sempre uma possibilidade formal, exterior, de uma explicação simples, baseada em relações normais e habituais entre os fenômenos” (apud CESERANI, 2004, p. 45). Da definição de Todorov ficamos com a seguinte passagem:

[o] fantástico é a hesitação provada por um ser que conhece somente as leis naturais, diante de um acontecimento aparentemente sobrenatural [...]. O fantástico dura somente o tempo de uma hesitação: hesitação comum ao leitor e ao personagem, os quais devem decidir se aquilo que percebem faz parte ou não do campo da realidade existente para o senso-comum. Ao final da história, o leitor, se não o personagem, toma, de qualquer forma, uma decisão, opta por uma ou outra solução e portanto, desse modo, sai do território do fantástico (apud CESERANI, 2004, p. 48-49).

Como veremos durante a análise do conto, essa possibilidade de uma explicação simples se apresenta em “A Pata do Macaco”, embora seja como uma porta tão estreita, que se faz quase impossível de ser transposta. Também é possível sentir a hesitação diante da possibilidade de a pata realmente conceder desejos, e, ao final, ficarmos diante da decisão a ser tomada: acreditarmos ou não que o fantástico existe neste mundo apresentado por Jacobs.

## 2. Um pouco da história

A história é dividida em três partes. Na Primeira Parte conhecemos a família White, constituída de três membros, que, em uma noite tempestuosa, recebe a visita de um amigo da família, o Sargento-mor Morris. Sob o efeito de uísque, ele conta histórias de suas façanhas no exterior. Atendendo ao pedido do Sr. e da Sra. White, o sargento Morris tira uma pequena pata mumificada do bolso. Ele explica que um faquir, um homem muito santo, colocou um feitiço na pata para provar que o destino controla a vida das pessoas e que aqueles que tentam interferir no seu destino fazem isso para seu próprio prejuízo. Ele explica, então, que apenas três homens podem possuir a pata, e que cada um tem direito a três desejos. Ele mesmo já teve seus três desejos concedidos, assim como o homem que a possuiu antes dele, sendo que o último desejo deste foi um pedido pela morte. Morris diz já ter considerado vender a pata, mas não ter conseguido porque as pessoas sempre queriam fazer um pedido antes de pagar por ela. Num ato dramático, o sargento-mor joga a pata no fogo, mas o Sr. White rapidamente a salva. O sargento-mor adverte-o, três vezes, de que não use a pata, mas, finalmente, cede e explica à família White como fazer um pedido. O homem que possuir a pata deve erguê-la e fazer o pedido em voz alta. Apesar de dizer que tem tudo o que quer e não ter certeza do que pedir, o Sr. White aceita a sugestão do filho e pede 200 libras, o que lhes permitirá quitar as prestações restantes da casa. Depois que o Sr. e a Sra. White vão para a cama, Herbert fica ao lado do fogo e vê uma cara de macaco vividamente realista nas chamas. Ele apaga o fogo e vai dormir também.

A Segunda Parte começa na manhã seguinte, num dia de inverno ensolarado. A sala parece alegre e normal, em contraste com a atmosfera sombria da noite anterior e a pata mumificada agora parece inofensiva. Os três membros da família conversam animadamente sobre a

### *A PATA DO MACACO: UMA ANÁLISE*

possibilidade de terem o desejo concedido e o filho sai para trabalhar. Mais tarde, o casal recebe a visita de um representante da empresa Maw and Meggins, onde Herbert trabalha. Ele traz a notícia da morte de Herbert, e, salientando que está obedecendo as ordens de seus empregadores, ele então explica que a empresa não assumirá qualquer responsabilidade pela morte do rapaz, mas dará aos White duzentas libras pelos serviços prestados pelo filho. A Sra. White grita e o Sr. White desmaia.

Na Terceira Parte, os White enterram Herbert. Vários dias se passam, e o casal se sente exausto e sem esperança. Uma semana após o enterro, o Sr. White acorda e ouve sua esposa chorando. Ele gentilmente a encoraja a voltar para a cama, mas ela se recusa. Ele volta a dormir até que a Sra. White o acorda, exigindo que faça um outro pedido para que Herbert volte à vida. O Sr. White resiste e diz a ela que a morte de Herbert e as duzentas libras que receberam não tiveram nada a ver com seu desejo na noite anterior. Ele tenta raciocinar com a esposa, dizendo que não queria contar a ela antes, mas Herbert estava tão mutilado, que teve de identificar o corpo pelas roupas. No entanto, a Sra. White não o escuta e continua insistindo para que faça um pedido para que Herbert volte à vida. Com medo da mulher, o Sr. White faz o pedido e, enquanto esperam, a única vela acesa se apaga. Por fim, o Sr. White ouve uma batida na porta. Outra batida soa. Há uma terceira batida e a Sra. White diz que é Herbert, que não havia retornado imediatamente após o desejo porque tinha de caminhar duas milhas do cemitério para casa. Ela corre para abrir a porta. O Sr. White implora para que não a abra, segurando-a, mas ela se liberta e desce as escadas. Enquanto ela luta para alcançar o ferrolho no alto da porta, a batida torna-se mais insistente. O Sr. White procura freneticamente a pata, que caiu no chão. Quando a Sra. White puxa o ferrolho, o Sr. White encontra a pata e faz um último desejo. A batida para e a Sra. White grita. O Sr. White corre escada abaixo e vê que a rua está vazia.

### 3. Quanto à caracterização das personagens

Quanto à caracterização das personagens, podemos destacar, a princípio, a relevância do sobrenome White. White, Branco em português, pode significar justo ou decente. Também é a denominação padrão das peças de um jogo de tabuleiro, consideradas pertencentes ao grupo branco, não importando qual seja a sua cor real. A família White parece caber nessa definição. O conto inicia mostrando a cena familiar como um lugar aconchegante, feliz, onde pai, mãe e filho interagem com carinho. Os momentos em que estão sozinhos, conversando, mostram que são uma família decente, honrada e feliz.

O filho do Sr. e da Sra. White se chama Herbert. É o único membro da família a ter um nome próprio. Segundo o site *Dicionário de Nomes Próprios*, Herbert significa “guerreiro glorioso”, “ilustre guerreiro”. Assim, o nome Herbert traz atributos de coragem e valentia que são inerentes aos guerreiros. Ele é um jovem irreverente, gentil e dedicado aos pais. Trabalha em uma empresa chamada Maws and Meggins. Acredita que as histórias sobre a pata do macaco não sejam verdadeiras e faz piadas a respeito da credulidade do pai, aparentando ser a voz da razão na família. É ele quem sugere que seja feito o pedido que supostamente resulta em sua morte. Suas palavras soam como um presságio a sua morte: “Bem, não vejo o dinheiro – disse o filho enquanto apanhava a pata do chão e a colocava na mesa – e aposto que nunca verei.” (JACOBS, 1902, p. 34). Nas palavras do representante da empresa, Herbert “foi pego pela máquina [...] Pego pela máquina – repetiu o Sr. White, de maneira confusa” (JACOBS, 1902, p. 37). Essa expressão em inglês pode significar também a inevitabilidade do destino.

Jean Bellemin-Nöel explica que Freud

## A PATA DO MACACO: UMA ANÁLISE

chegou a essa conclusão: aquilo que vem trazido à força para a cena e exposto aos olhares é aquilo que foi deslocado: refutado pelo *eu*, devolvido ou abandonado no inconsciente. O 'inquietante' é o retorno do que foi deslocado, seja enquanto retorno (reiteração, repetição), seja enquanto deslocamento (não representável, inapresentável)." (apud CESERANI, 2004, p. 61).

No conto, aquilo que era de mais familiar aos pais era a figura do filho. Essa figura é retirada de cena, deslocada, e, depois, rerepresentada. Parte do terror em "A Pata do Macaco" gira em torno da possível transformação de Herbert White de um jovem gentil, feliz e dedicado em um monstro ameaçador. O Sr. White teme que seu filho tenha-se tornado um ser horrivelmente mutilado e maligno, depois de desejá-lo de volta à vida. Apesar da história nunca deixar claro quem ou o que está batendo à porta, podemos fazer essa relação com a definição de Freud de estranho, aquele algo particular que é reposicionado, exposto aos olhares e que deixa de ser familiar.

A Sra. White, mãe de Herbert e esposa do Sr. White, é uma mulher inteligente e apaixonada. Ela compartilha o fascínio do marido e do filho com as histórias do sargento Morris e o questiona tão ansiosamente quanto eles. Ela está mais disposta a considerar a história da pata de macaco como verdadeira do que Herbert, mas ela é muito menos crédula do que seu marido. A morte de Herbert traumatiza a Sra. White, e ela força o Sr. White a fazer o segundo pedido para que Herbert volte à vida. Ela não possui nome próprio, sendo chamada no texto apenas como Sra. White ou "mãe". Ser chamada de mãe ressalta a importância desse papel na vida da personagem. Ela é, acima de tudo, mãe e, quando seu filho morre, ela perde a sua identidade, tanto que seu marido cede ao seu desejo de pedir o retorno do filho por medo de quem ela se tornou.

O Sr. White, pai de Herbert e marido da Sra. White, é um homem velho, curioso e maleável. Assim como sua esposa, ele não possui nome próprio, sendo chamado de Sr. White ou pai. Apesar de ser pobre, ele

#### *A PATA DO MACACO: UMA ANÁLISE*

sonha em conhecer terras exóticas e fica fascinado com a história da pata do macaco. Embora seja o Sr. White que faça os três pedidos, ele escolhe apenas o terceiro, sendo que os dois primeiros são sugestões de seu filho e sua esposa. A dor do Sr. White é dupla: ele lamenta a morte do filho e sua decisão de fazer um pedido à pata do macaco. Ao contrário de sua esposa, o Sr. White percebe que nunca deveria ter feito os dois primeiros pedidos. Apesar de ser o mais ingênuo e maleável dos três, após a morte do filho, é o único que procura agir guiado pela razão, dizendo acreditar que a situação toda fora uma incrível coincidência. Porém, volta a agir por fé na pata ao acreditar que quem está batendo à sua porta é, de fato, uma criatura profana, em vez de seu filho, talvez por se lembrar das próprias palavras do filho: “Espero que encontrem o dinheiro amarrado em um grande saco no meio da cama [...] e algo terrível agachado em cima do armário observando vocês enquanto embolsam seus ganhos ilícitos” (JACOBS, 1902, p. 35).

Outra personagem é o Sargento-mor Morris, um homem misterioso, que gosta de falar sobre suas aventuras no exterior. É ele quem mostra aos White a pata de macaco. Ele desencoraja o Sr. White de sonhar com a Índia, sugerindo que a vida é melhor e mais segura em casa. Ele joga a pata do macaco no fogo e exorta o Sr. White a não fazer qualquer pedido, mas, finalmente, lhe ensina exatamente como fazer um.

O Representante é a pessoa que informa o Sr. e a Sra. White da morte de Herbert. Ele parece nervoso e, ao mesmo tempo em que simpatiza com os White, tenta se distanciar da empresa Maw and Meggins, enfatizando que está seguindo ordens e não expressando seus próprios sentimentos. Ele dá ao Sr. e à Sra. White duzentas libras em nome da empresa, criando a dúvida sobre se o primeiro desejo realmente foi concedido ou se foi apenas coincidência.

#### **4. Proposta de intertextualidade**

## A PATA DO MACACO: UMA ANÁLISE

Segundo *Archetypes and Motifs in Folklore and Literature: A Handbook* (GARRY, 2005, p. 175), objetos que concedem desejos aos seus donos são um tema recorrente na literatura. O mais famoso talvez seja a Lâmpada Maravilhosa de Aladim. Geralmente três desejos são concedidos, sendo que, geralmente, o primeiro é desperdiçado em algo de pouca importância, o segundo é uma tentativa falha de algum tipo de vingança com resultados desastrosos, e o terceiro desejo serve para desfazer as consequências dos dois primeiros.

Em “A Pata do Macaco”, a Sra. White diz que as histórias contadas por Morrissoam como *As Mil e Uma Noites*. Sem dúvida, a citação não está ali por acaso. A ligação imediata com a história de Aladim, em *As Mil e uma Noites*, é feita facilmente: em ambas há um objeto que concede desejos. Nesta análise, porém, iremos ver as similaridades com outro conto do livro, “Os Três Desejos” (CHALLITA, p. 155-156). Nesse conto, um homem de fé passou a vida esperando pela noite milagrosa conhecida como “A Noite das Possibilidades”, na qual um homem poderia ver satisfeito todo e qualquer desejo. Ele sabe que tem direito a três pedidos. Porém, antes de fazer o primeiro pedido, ele pergunta a sua esposa o que deve desejar. Ela responde que quanto maior o zib [termo utilizado no livro na versão em português] de um homem, tanto maior será sua virilidade e sua aproximação da perfeição. Por isso ele deveria pedir que seu zib crescesse com generosidade. Assim, o homem fez o pedido e recebeu um zib tão grande quanto o de um elefante. Vendo isso, a mulher passou a fugir do marido sempre que ele tentava experimentar seu novo zib com ela. Ela fez com que o marido pedisse que Alá retirasse o presente concedido. O homem fez novamente o que a mulher pediu e, no mesmo instante, a parte inferior do seu abdômen tornou-se totalmente lisa, sem sinal de zib algum. Com muita raiva, o homem se viu numa situação pior que a anterior, e pediu que Alá o restaurasse a como era no início, terminando, assim, sem receber nenhum presente. O homem desperdiçou os três desejos, mas aprendeu uma lição: deve-se estar satisfeito com o que já se possui.

## A PATA DO MACACO: UMA ANÁLISE

Nos dois contos os homens cedem à sugestão de outras pessoas para fazer os dois primeiros pedidos, o que os deixa em uma situação terrível. O primeiro desejo, nos dois casos, parece pequeno, como um teste, uma pequena mudança em algo cotidiano. No entanto, em ambos, desencadeiam uma sucessão de eventos que levam os dois homens a desejar não ter desejado nada desde o princípio. As duas personagens também são caracterizadas como boas pessoas, homens crédulos, de fé. A fé que possuem os leva a ter direito a realizar seus desejos. Porém, outra força, o destino talvez, os impede de mudar sua situação. Os dois contos ilustram o cuidado que se deve ter ao desejar algo, uma vez que se pode conseguir exatamente aquilo que se pediu, porém perdendo algo importante em troca.

Da mitologia grega podemos fazer a ligação com o mito das Moiras (também conhecidas na mitologia romana como Parcas). Segundo o *Dicionário de Mitologia Grega e Romana* (2008), as Moiras são a personificação do destino de cada criatura humana. “As Moiras, inflexíveis como o destino, eram a encarnação de uma lei inexorável, à qual os próprios deuses estavam sujeitos” (KURY, 2008, p. 273). Hesíodo relatou como existindo três Moiras: Átropos, Clotó e Láquesis. Elas seriam responsáveis pelo fio da vida, uma fiando, outra enrolando e a terceira, cortando o fio quando chegasse a hora prefixada para a morte. Em “A Pata do Macaco” ficamos sabendo que a intenção do criador da pata era provar que o destino controla a vida das pessoas. O destino, nesse caso, se mostraria igual ao da tradição grega, como lei universal, que não cede a rogos nem a lágrimas, que não tem piedade, e da qual não se pode escapar.

Ainda nos resta uma última ligação intertextual a ser feita, que seria com a própria *Bíblia*. Na *Bíblia*, Jeová concede a Abraão e Sara o desejo de seus corações: um filho. Apesar da idade avançada e da infertilidade, quando Abraão tinha 100 anos e Sara 90 anos, eles tiveram um menino, ao qual chamaram Isaque. Os três são vistos com bons olhos por Deus por causa de sua fé. Mas, quando Isaque ficou mais velho, Deus provou a fé de Abraão. Deus disse: “Por favor, pegue o seu

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

## A PATA DO MACACO: UMA ANÁLISE

filho, seu único filho, a quem você tanto ama, Isaque, vá à terra de Moriá e ofereça-o ali como oferta queimada num dos montes que lhe indicarei” (ASSOCIAÇÃO TORRE DE VIGIA DE BÍBLIA E TRATADOS, 2015, p. 67). Abraão ficou sem entender, mas ainda assim, obedeceu Deus. Ele acreditava que nada era impossível a Jeová, e que Deus até mesmo podia ressuscitar Isaque dentre os mortos. Mas Deus realmente não queria que Abraão matasse Isaque; queria, apenas, que demonstrasse obediência. Por isso, Deus providenciou um carneiro, que apareceu, miraculosamente, preso a um arbusto, ali perto, e mandou que Abraão o sacrificasse no lugar de seu filho.

Podemos ver algumas similaridades entre as duas histórias. Nos dois casos, por exemplo, as duas famílias possuem três membros. Todos são descritos como boas pessoas, felizes, uma família realmente unida. Os dois homens receberam os seus desejos, um recebeu um filho, e o outro, o dinheiro para pagar as prestações da casa. No entanto, na história bíblica, vemos um final feliz: o rapaz é poupado e o homem recebe a graça divina. Na outra história, o filho, apesar de ser uma boa pessoa e não merecer, acaba morrendo. Outra diferença é que Abraão acreditava que Deus poderia trazer seu filho de volta dos mortos exatamente como ele era. No caso do Sr. White, ele tinha certeza de que o poder da pata era maligno e que “aquilo” que estava batendo à porta não poderia ser, em nada, semelhante ao seu filho.

## 5. Símbolos e temas

A Pata do Macaco é um símbolo do insólito no texto, sendo um objeto encantado, que serve para conceder desejos, mas que também traz sérias consequências a quem a possuir. Mesmo que o Sr. White se sinta satisfeito com sua vida — ele tem uma família feliz, uma casa confortável e muito amor — ele ainda usa a pata do macaco para desejar dinheiro, de que ele realmente não precisa. Como exemplifica o caso do Sr. White, até mesmo pessoas que têm tudo o que desejam, às vezes, se sentem atraídas pela ideia de poderem fazer um pedido a um objeto

### *A PATA DO MACACO: UMA ANÁLISE*

supostamente mágico, tornando-se, ela própria, um símbolo de desejo e ganância. A ganância só pode levar à infelicidade.

Por outro lado, como ressaltamos anteriormente, a visão de Solov'ev (apud CESERANI, 2004, p. 45) se encaixa bem na questão da pata, sendo que o próprio conto sugere uma explicação simples para tudo o que acontece na história: não seria tudo uma simples coincidência? Afinal, o filho trabalhava em uma empresa que demonstra pouco respeito pelos funcionários. Exercia uma função claramente de perigo, uma vez que a máquina com a qual trabalhava lhe poderia causar uma morte trágica, o que realmente aconteceu, de modo que o que restou de seu corpo sequer possibilitou a sua identificação por parte de seu pai. Outro aspecto do conto é que não fica claro quem está batendo à porta, ao final. Poderia ser uma pessoa qualquer, um vizinho, por exemplo, que estivesse batendo com maior insistência por ouvir o casal discutindo. Essa mesma pessoa, ao ouvir o pedido, em voz alta, do Sr. White (o conteúdo do qual não sabemos), pode ter-se assustado e se escondido. Aqui, se aplica a "hesitação", mencionada por Todorov (2008). Não sabemos se estamos no mundo real ou em um mundo fantástico. Nem mesmo as personagens parecem ter essa certeza, uma vez que mudam de opinião sobre a pata ter ou não poderes. Jentsch (apud FREUD, 1986, p. 237-269) aponta que um aspecto do "estranho" é a indefinição entre animado e inanimado: "duvida se um ser aparentemente animado é realmente vivo; Ou vice-versa, se um objeto sem vida pode não ser de fato animado". Ao fazer o primeiro pedido, o Sr. White pode jurar que sentiu a pata se mexer como uma cobra em sua mão, apesar da incredulidade da mulher e do filho. Assim, a pata do macaco é certamente um objeto estranho, já que parece ter uma vida própria, mesmo sendo um objeto sem vida.

## 5.1. Morte e luto

A morte e o luto são outros temas do conto. De acordo com Kathleen M. Kirby, "outros' existem como objetos internos e como realidades externas, e parte da dificuldade do luto nasce da impossibilidade de distinguir entre os dois"<sup>1</sup> (KIRBY, 1993, p.55, tradução nossa). Em *A Pata do Macaco*, podemos ver o sofrimento da Sra. White em assimilar a perda do filho. Porém, mais significativa é a aceitação de que, independente da aparência externa, seu filho retornasse exatamente igual à representação interna que ela faz dele. Em momento algum ela pensa que o que bate à porta pode ser outra pessoa ou outra "coisa". A reação do Sr. White, no entanto, demonstra que, para ele, ocorreu uma mudança na personalidade do filho. Ele passa a se referir ao filho não mais como "he", mas sim como "it". Em inglês, idioma original do conto, os pronomes "he" e "she" qualificam apenas seres humanos. A tudo mais está reservado o pronome "it", desprovido de gênero. É como se a morte tornasse o filho em algo que não é mais humano. O artigo lembra também que o caráter vingativo dos mortos pode, muitas vezes, ser atribuído a sentimentos ambivalentes da parte dos vivos, pelo medo da retribuição. Não poderia o Sr. White estar com medo de que o filho tivesse voltado dos mortos para se vingar do pai, que, ao brincar com o destino, causou a sua morte?

## 5.2. Regra de Três

Segundo Christopher Booker (2004), em *The Seven Basic Plots: Why we tell stories*, reconhecer o significado de certos números nos ajuda a entender as estruturas inconscientes da narração de histórias. Dentre todos o número três talvez seja o mais recorrente. Por exemplo, Cinderela vai três vezes ao baile, Cachinhos Dourados e os três ursos, Três Porquinhos, etc. Ainda sobre o número três, Booker ressalta que

---

<sup>1</sup>"Others' exist as internal objects and as external realities, and part of the difficulty of mourning arises from the impossibility of distinguishing between the two." (KIRBY, 1993, p.55)

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP) São José do Rio Preto, SP - Brasil, 2017.

### A PATA DO MACACO: UMA ANÁLISE

“três é o gatilho final pra acontecer alguma coisa importante. Nas histórias três é o número do crescimento e transformação”<sup>3</sup>(BOOKER, 2004, p. 231, tradução nossa).

Ele acrescenta que isso nos transmite a sensação de que os desenvolvimentos milagrosos que ocorrem nas histórias não acontecem de forma instantânea e sem esforço; eles exigem um constante acúmulo de experiência, concentração e esforço, até que tudo esteja pronto para permitir a transformação.<sup>1</sup>(BOOKER, 2004, p. 231, tradução nossa).

Booker (2004) propõe que essas sequências de três aparecem das seguintes maneiras: (1) O “simples” ou “três cumulativo”, sucessão de três tentativas em sequência (ex. Cinderela vai três vezes ao baile); (2) o “progressivo” ou “três ascendente”, apresenta três coisas de valor, mas sucessivas em importância (ex: uma de bronze, uma de prata, uma de ouro); (3) o “contraste” ou “três duplo-negativo”, quando as duas primeiras coisas são inadequadas ou erradas e apenas a terceira funciona corretamente ou é correta; (4) o “três dialético”, onde a primeira coisa é errada, de alguma maneira, a segunda está em oposição à primeira mas também é errada, e a única possível, a terceira, é um meio termo (BOOKER, 2004, p. 231).

A história de Jacobs é estruturada em torno de um padrão de grupos de três: A Pata concede três desejos a três diferentes homens; A família White é composta por três pessoas; O Sr. White é o terceiro dono da pata; O Sargento Morris começa a falar sobre suas aventuras na Índia depois de três copos de uísque e pede ao Sr. White, três vezes, para não fazer nenhum desejo; O representante de Maw and Meggins se aproxima do portão dos White três vezes antes de tomar coragem de subir pelocaminho até a porta; Herbert, ou quem/o que se imagina ser ele, bate três vezes à porta antes que a senhora White ouça. Além de permear a trama, o número três estrutura o conto. A história é dividida

---

<sup>1</sup>Three is the final trigger for something important to happen. Three in stories is the number of growth and transformation. (BOOKER, 2004, p. 231)

### *A PATA DO MACACO: UMA ANÁLISE*

em três partes, que ocorrem em três dias, durante três tipos de tempo. A Primeira parte ocorre à noite, durante uma tempestade. A Segunda parte ocorre durante a manhã de um dia de inverno. A Terceira parte ocorre no meio de uma noite fria, em que venta forte. “É algo tão fundamental na forma como a imaginação humana funciona, que muitas vezes aparece em maneiras pelas quais nem mesmo o contador de histórias pode ter tido consciência”<sup>1</sup>(BOOKER, 2004, p. 232). Por estar associado a nossa forma de pensar, nosso cérebro está tão acostumado a situações que se apresentam em três etapas, que, ao recorrer ao seu uso na escrita, o esquema torna-se facilmente reconhecível no momento da leitura, o que proporciona, inclusive, a possibilidade de fazer lembrar mais facilmente do que foi dito na história.

### **5.3. O mundo exterior e o xadrez**

Jacobs retrata a casa dos White, e a esfera doméstica em geral, como um lugar seguro e acolhedor, separado do mundo perigoso exterior. A chegada de uma pessoa de fora, tanto da família quanto do país, interrompe a tranquilidade na casa. O Sargento Morris, com suas histórias sobre a Índia, a magia e as advertências contra o mal, insere o mundo exterior na esfera doméstica. Ele dá ao Sr. White a pata do macaco, o símbolo final do perigoso mundo exterior. O segundo visitante, o Representante da Maw and Meggins rompe a felicidade da família com a notícia da morte de Herbert. O terceiro e último invasor do mundo doméstico é o próprio Herbert. A reação do Sr. White à ideia de que seu filho morto quisesse entrar na casa sugere não apenas o seu horror diante da perspectiva de um cadáver animado, mas sua compreensão, adquirida pela experiência, de que qualquer pessoa que vem do exterior deve ser tratada como uma perigosa ameaça à

---

<sup>1</sup>“It is something so fundamental to the way the human imagination works, that it often appear in ways of which not even the storyteller may have been conscious”. (BOOKER, 2004, p. 232).04, p. 232).  
Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

## A PATA DO MACACO: UMA ANÁLISE

santidade da casa. Como já comentado, é da terceira ação que vem o amadurecimento.

Outro tema a ser destacado no conto “A Pata do Macaco” é relacionado ao jogo de xadrez. O conto inicia com uma partida de xadrez entre pai e filho. O significado original das peças de xadrez é a representação de uma luta entre dois exércitos. No conto, temos, além da batalha entre externo e interno, a batalha entre o bem e o mal, entre branco e preto. No livro *A importância do xadrez*, Rubens Filguth (2007) ressalta que

[a]inda sobre a simbologia do tabuleiro de xadrez, podemos destacar outros significados: [o] tabuleiro de xadrez simboliza a tomada de controle, não só sobre adversários e sobre um território, mas também sobre si mesmo, sobre o próprio eu, porquanto a divisão interior do psiquismo humano é igualmente o cenário de um combate (CHEVALIER; GHEERBRANT apud FILGUTH, 2007, p. 133).

Essa tomada de controle se dá a cada movimento. A alternância entre os quadrados pretos e brancos no tabuleiro e nos quais movemos as peças representam que, passo a passo, nos encontramos na posição de tomar decisões. Não há batalhas sem derrotas e sacrifícios. Uma jogada errada pode comprometer todo o trabalho. Quanto à função das peças, vamos discutir apenas de três: o Cavalo, a Rainha e o Rei.

O Cavalo se move por passos de intuição ao longo dos lados de um triângulo direito. Alterna entre quadrados brancos e pretos em cada movimento, portanto, envolvendo a cabeça e o coração em cada ação. Apenas um cavalo ou um peão pode iniciar o primeiro movimento do jogo. O cavalo pode fazer um movimento que nem mesmo a rainha pode fazer. Em inglês, a peça se chama “Knight”, que pode ser traduzido como Cavaleiro. Quão parecido é o papel do Cavaleiro ao do jovem Herbert. Como já mencionado, o nome Herbert simboliza um guerreiro glorioso, ou seja, um Cavaleiro Branco. Ele representa a razão, ao duvidar dos poderes da pata do macaco. Porém, também age guiado

### *A PATA DO MACACO: UMA ANÁLISE*

pelo coração, ao ceder e tentar ajudar o pai a escolher qual desejo ter realizado. Não podemos esquecer que é Herbert quem inicia o jogo, ao dizer ao pai qual deveria ser o primeiro pedido. No xadrez, algumas vezes há que se sacrificar algumas peças em nome da estratégia. No conto, vemos que o sacrifício foi real, foi a vida do jovem, que foi ofertada para que se recebesse a recompensa.

A Rainha é a peça mais poderosa do tabuleiro, com movimentos ilimitados em qualquer uma das oito direções. A Sra. White é uma excelente representação da Rainha. Ela age livremente no conto. A princípio, ela não acredita muito no poder da pata do macaco. Porém, age de acordo com o marido, como seguindo em frente no jogo. Com a morte do filho, ela muda e vai na direção contrária, passando a acreditar que a pata do macaco é a única possibilidade de seguir em frente e ganhar, a única forma de rever o filho. Ela age livremente no tabuleiro, mudando de opinião conforme os acontecimentos.

O Rei é a peça principal sobre a qual todo o jogo gira. E, no entanto, é a peça menos poderosa em termos de capacidade de se deslocar sobre o tabuleiro: só se pode mover um passo de cada vez. No início do conto somos informados que o Sr. White

tinha ideias sobre o jogo que implicavam lances radicais e colocou seu rei em perigo de modo tão precipitado e desnecessário que chegou a provocar um comentário da senhora de cabelos brancos que tricotava calmamente à beira do fogo.[...] que, ao perceber o erro fatal tarde demais, estava cordialmentetentando evitar que seu filho o notasse (JACOBS, 1902, p. 31).

Como o conto mostra o Sr. White tem por costume assumir riscos em seu modo de jogar. Refletindo sobre o seu modo de jogar sua própria vida, ele também se coloca em desnecessário perigo ao adquirir a pata do macaco. Ele só percebe o erro fatal ao fazer o pedido à pata quando seu filho morre. Assim como no xadrez, ele se move apenas um passo por vez. Ele tenta mudar a direção de suas ações, mas acaba cedendo ao

## A PATA DO MACACO: UMA ANÁLISE

desejo de sua mulher e cometendo um erro ainda pior, que o leva a perder o jogo.

### Conclusão

Vimos que “A Pata do Macaco” é uma história que discute primeiro sobre destino, mas que também toca em outros grandes temas da literatura, como o insólito, a morte, o luto, a regra de três, o mundo exterior e o jogo de xadrez. Não podemos descartar também a ligação com outros contos e histórias, sendo que neste artigo foram citadas *As Mil e Uma Noites* com o conto “Os Três Desejos”, a *Bíblia*, com a história de Abraão, Sara e Isaque, e as *Moiras*, da mitologia grega.

Longe de explorar todos os assuntos relacionados ao conto, este trabalho tinha por objetivo mostrar que “A Pata do Macaco” vai além de uma simples história de terror. Ele também se relaciona com os temas de grande importância para o estudo da literatura em geral.

Fabiana Ferreira CORDEIRO, F. F. *A Pata do Macaco: uma análise*. **Mosaico**. São José do Rio Preto, v. 16, n. 1, p. 233-251, 2017.

### THE MONKEY'S PAW: AN ANALYSIS

**ABSTRACT:** This paper posits the examination of the short story “The Monkey’s Paw,” written by William Wymark Jacobs in 1902. This is a horror story that first discusses the theme of destiny but also deals with other themes, such as the uncanny, death and mourning, the rule of three, the outside world, and the chess game. The works of theorists such as Todorov (2008), Campra (2016), Ceserani (2004), and others were used in the analysis.

**KEYWORDS:** Fantastic; The Monkey’s Paw; Jacobs.

### Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO TORRE DE VIGIA DE BÍBLIA E TRATADOS. *Tradução do Novo Mundo da Bíblia Sagrada*. Watchtower Bible and Tract Society of New York, Inc.: New York, 2015.

BOOKER, Christopher. *The Seven Basic Plots: Why we tell stories*. London: Continuum, 2004.

CAMPRA, Rosalba. *Territórios da Ficção Fantástica*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2016.

CESERANI, Remo. *O Fantástico*. trad. Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba: Ed. UFPR/ Eduel, 2004.

CHALLITA, Mansour. Os três desejos. In: *As mil e uma noites*. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Ltda, pp.155-156.

FILGUTH, Rubens. *A importância do xadrez*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FREUD, Sigmund. O Estranho. In: *Obras completas do Freud*. Edição Standard Brasileira V. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1986, pp. 237-269.

GARRY, Jane and EL-SHAMY, Hasan. *Archetypes and Motifs in Folklore and Literature: A Handbook*. London: M. E. Sharpe, 2005, pp. 173-178

JACOBS, W. W. *The Monkey's Paw*. In: *The Lady of the Barge*. London: Harper and Brothers, 1902, pp. 31-40.

KIRBY, Kathleen M. *Resurrection and murder: an analysis of mourning (in memory of my father)*. *American Imago*, vol. 50, no. 1, 1993, p. 55+. Academic OneFile.

Disponível em:  
<[go.galegroup.com/ps/i.do?p=AONE&sw=w&u=capes&v=2.1&id=GALE%7CA13641032&it=r&asid=54bdd475d0c69954f3a9cc997c02ab1c](http://go.galegroup.com/ps/i.do?p=AONE&sw=w&u=capes&v=2.1&id=GALE%7CA13641032&it=r&asid=54bdd475d0c69954f3a9cc997c02ab1c)> Acessado em 9 de Maio de 2017.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*.-8.ed.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 273.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. [Tradução: Maria Clara Correa Castello]. 3. ed., 2. reimp. São Paulo: Perspectiva, 2008.